



Universidade Federal de Santa Catarina

Centro de Ciências da Educação

Núcleo de Desenvolvimento Infantil

Curso de Especialização em Educação Infantil

Campus Universitário – Trindade – Caixa Postal 476

e-mail : [especializacao.ufsc.ndi@gmail.com](mailto:especializacao.ufsc.ndi@gmail.com) - Fone 3721-8921

Josiane Neves da Silva Sant'Anna

## **ELES SÃO SÓ BEBÊS, O QUE PODEM APRENDER NO BERÇÁRIO?**

**As aprendizagens e interações nos primeiros meses de vida em um espaço de educação coletiva.**

Joinville

2012

Josiane Neves da Silva Sant'Anna

**ELES SÃO SÓ BEBÊS, O QUE PODEM APRENDER NO BERÇÁRIO?**

**As aprendizagens e interações nos primeiros meses de vida em um espaço de educação coletiva.**

Artigo submetido ao Curso de  
Especialização em Educação Infantil para a

obtenção do Grau de Especialista em  
Educação Infantil, sob a orientação da  
Professora Doutora Rosânia Campos.

Joinville

2012

Josiane Neves da Silva Sant'Anna

**ELES SÃO SÓ BEBÊS, O QUE PODEM APRENDER NO BERÇÁRIO?**

**As aprendizagens e interações nos primeiros meses de vida em um espaço de educação coletiva.**

Este artigo foi julgado aprovado para a obtenção do Título de “Especialista em Educação Infantil” e aprovado em sua forma final pelo Curso de Especialização em Educação Infantil.

Joinville, 09 de abril de 2012.

---

Prof. Dra. Marilene Dandolini Raupp

Coordenadora Geral do CEEI

**Banca Examinadora:**

---

Prof.<sup>a</sup> Dra. Rosânia Campos  
Orientadora

---

Prof. ....  
Primeiro membro

---

Prof. ...  
Segundo membro

**SUMÁRIO**

1. INTRODUÇÃO .....	5
2. SER PROFESSORA DE BEBÊS.....	6

3. OS OLHARES AS MINÚCIAS: PROCESSOS EDUCATIVOS NOS BERÇÁRIOS.....	11
3.1. Intencionalidade pedagógica: o Berçário com a minha magia .....	14
4. ALGUMAS CONSIDERAÇÕES .....	26
REFERÊNCIAS .....	28





# ELES SÃO SÓ BEBÊS, O QUE PODEM APRENDER NO BERÇÁRIO?

## As aprendizagens e interações nos primeiros meses de vida em um espaço de educação coletiva

Josiane Neves da Silva Sant'Anna<sup>1</sup>

Rosânia Campos<sup>2</sup>

### RESUMO:

Este artigo tem como objetivo discutir o processo de ensino-aprendizagem de bebês frequentadores de um espaço de educação coletiva, bem como analisar a importância das interações e relações para o desenvolvimento dos bebês. O tema é relevante na medida em que crescem os debates em torno do desenvolvimento de bebês e sobre o processo de ensino-aprendizagem em berçários. O trabalho busca demonstrar como a prática no Berçário e a intencionalidade do docente é capaz de proporcionar aos bebês momentos de ricas e significativas vivências levando-os a aprendizagens. Para embasar o tema buscou-se aporte teórico em Barbosa, Facci, Galvão, Pino, Schimitz e Tristão, sob a perspectiva da psicologia sócio histórica de Vigotski e Wallon. A partir desta fundamentação foi realizada uma análise de um trabalho realizado no Berçário I de um Centro de Educação Infantil da rede municipal de Joinville – SC, durante o ano letivo de 2011. Uma turma, de quatorze bebês entre 04 a 22 meses e três profissionais da educação, participaram deste trabalho, que além da observação diária da professora responsável contou como ferramentas, para análise e interpretação dos dados os planejamentos, registros, portfólios de aprendizagens e fotos das vivências da turma. Os resultados demonstram que através dos conhecimentos adquiridos acerca das concepções que envolvem a Educação Infantil e dos conhecimentos sobre o desenvolvimento infantil de 0 a 24 meses, aliados a experiência docente em sala, é possível, promover e planejar espaços e encontros no Berçário, de modo que desenvolvam nos bebês capacidades motoras, intelectuais e afetivas através da apropriação de novos saberes, conhecimentos e da cultura historicamente construída.

**Palavras-chave:** Educação infantil, Bebês, Berçário, Arte.

### ABSTRACT

This article aims to show how babies learning happen in a space of collective education and the importance of relationships and interactions for the development of babies. The theme is relevant insofar as they grow the discussions around the development of babies and about the teaching-learning process in nurseries. The work seeks to demonstrate how the practicing in the nursery and the intentionality of the teaching staff is able to provide to babies moments of significant experiences and encourage them to learn. To support the topic theoretical contribution sought in Barbosa, Facci, Galvão, Pino, Schimitz and Tristão, from the perspective of psychology, historic partner Vigotski and Wallon. From this reasoning was carried out an analysis of a work that has been done in the nursery I in an early childhood education center of the municipal network of Joinville – SC, during the 2011 academic year. A group of fourteen babies among 4 to 22 months and three education professionals, participated in this work, which in addition to the daily observation of responsible teacher recounted how, tools for analysis and interpretation of data, the: planning, records, pictures and learning

---

<sup>1</sup> Autora do artigo. Graduada em Pedagogia com habilitação em Educação infantil pela Associação Catarinense de Ensino - ACE. Especialista em Psicopedagogia Institucional pela AUPEX. Professora de bebês da rede municipal desde 2008 no Centro de Educação infantil Itaum – Joinville – SC. E-mail: josisantanna@hotmail.com

<sup>2</sup> Orientadora do artigo. Doutora em educação. Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação – Mestrado em Educação da Universidade da Região de Joinville – UNIVILLE.

portfolios of class experiences. The results show that through knowledge acquired about the concepts that involve the child education and knowledge about child development of 0 to 24 months, coupled with teaching experience in living room, it is possible to promote and plan spaces and meetings in the nursery, so that develop motor skills in infants, affective and intellectual through the appropriation of new skills, knowledge and culture historically constructed.

**Keywords:** Babies, Children's education, Nursery, Art.

## 1. INTRODUÇÃO

É crescente a busca pelos berçários nos Centros de Educação Infantil, por mães que necessitam se inserirem no mercado de trabalho precisando deixar seus bebês em um espaço de educação coletiva. Esta demanda crescente impulsiona tanto a luta pela ampliação destes espaços, quanto novos estudos relativos, sobre esta fase do desenvolvimento e como se dá a aprendizagem destes pequeninos. No entanto, o trabalho no Berçário, para muitas pessoas, ainda se norteia pelas ausências: ausência do caminhar, ausência da fala, ausência de comunicação e assim por diante.

Pouco se entende e se compreende do mundo dos bebês, e esta dificuldade, faz com que se pense neles como incapazes de aprender, de se envolverem em atividades e de se relacionarem de modo que se desenvolvam. No entanto, os estudos recentes sobre desenvolvimento humano indicam que ausência não é falta, pelo contrário, indicam que os bebês interagem, aprendem e se apropriam da cultura humana. Assim, a ação educativa nos berçários é repensada e as professoras<sup>3</sup> deste segmento desenvolvem modos diferentes de estimular, instigar e oportunizar diferentes experiências aos bebês. Neste processo a organização dos espaços é fator central.

Deste modo, faz-se necessária uma análise do cotidiano dentro do berçário. Mas, afinal, eles são bebês, o que podem aprender? O que uma professora de bebê pode ensinar? Como acontecem as aprendizagens dos bebês, a partir de um cuidar educativo num espaço de educação coletiva? É possível fazer esta análise a partir da observação e dos registros individuais e coletivos? Os encontros, as relações e interações com o outro (pessoa e/ou objeto) agregam conhecimentos e possibilitam

---

<sup>3</sup> Utilizarei neste trabalho o termo professora, tendo em vista que o universo de profissionais de educação infantil, em especial que atuam com bebês é quase que exclusivamente feminino.

aprendizagens? Se de fato, as relações que os bebês estabelecem com seus pares, os constituem como ser humanos?

Estas e outras questões tem norteado meu trabalho, bem como a busca constante por aportes teóricos que fundamentem e permitam avançar nas ações cotidianas. Esta busca, as leituras e estudos me certificaram da importância das relações e interações na vida humana, de modo especial, para os bebês e da necessidade de se planejar as ações, organizar os espaços e superar o senso comum que define o berçário apenas como um local de “guarda”.

Assim, o trabalho com bebês, similar ao desenvolvido com as crianças maiores, é norteado na concepção em que a criança, independente de idade, é um sujeito sócio histórico, cidadã de direitos e que se constitui nas e pelas relações que estabelece com o meio e com seus pares. As diretrizes curriculares para a Educação Infantil (2009) em seu artigo 4º contemplam essa visão, dizendo que:

As propostas pedagógicas da Educação Infantil deverão considerar que a criança, centro do planejamento curricular, é um sujeito histórico e de direitos que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura.

A partir destas concepções foi organizado um trabalho junto aos bebês do denominado berçário I<sup>4</sup> em um Centro de Educação Infantil municipal na cidade de Joinville. A turma em questão possui 14 bebês com idade entre 04 e 22 meses. Além da concepção de desenvolvimento descrita acima, entendo também que ser professora de bebês é possibilitar meios para os encontros e as relações, de modo que, o Berçário além de ser um espaço de um cuidar pedagógico, também seja um espaço de múltiplas e significativas vivências e experiências, onde o bebê aproprie-se de conhecimentos para o processo de construção de seu mundo e sua história.

## **2. SER PROFESSORA DE BEBÊS**

Não sei se toda chegada a um novo Centro de Educação Infantil acontece da mesma maneira, mas comigo foi assim. Erámos duas professoras e assim que

---

<sup>4</sup> Por berçário I compreende-se o atendimento as crianças de 04 a 12 meses de idade, porém nesta instituição, alguns bebês maiores de 12 meses continuam na turma até que uma vaga seja aberta na turma do berçário II que atende crianças de 01 a 02 anos.

chegamos à instituição fomos encaminhadas para uma entrevista com a diretora. Havia duas vagas: uma na turma do Maternal II (crianças de 03 anos) e outra no Berçário I (bebês de 04 a 12 meses). Depois de muito diálogo, a diretora deu o veredito. Por eu ser casada e ter filhos, a vaga no Berçário I, ficaria comigo, pois a experiência com filhos faria de mim, naquele momento, a melhor opção para o CEI, mesmo sem nunca ter trabalhado com crianças tão pequenas.

Mas mesmo sendo mãe, será que eu daria conta do trabalho? Ter filhos é o mesmo que ter afinidades com bebês? O que eu iria ensinar aos bebês? Como os bebês aprendiam? Como iria me comunicar com eles, se eles não falam? Eu, professora de bebês? Naquele momento, percebi que todos os anos na graduação e especialização, não tinham me preparado para aquela situação. O meu caminho para o conhecimento desses seres tão pequeninos estava apenas começando.

Após o susto inicial, lancei-me na procura de bibliografias e de outras professoras que já tivessem trabalhado com bebês. No entanto, obtive pouco sucesso, pois quase nada se escrevia sobre bebês, ou melhor, eu nem sabia por onde pesquisar. Já as professoras que tinham trabalhado com bebês, apresentaram-me planejamentos que não vinham ao encontro das minhas necessidades, que eram muitas, por sinal. Já a prática de alguns anos trabalhando no Berçário, de uma das auxiliares de sala, me tranquilizou e aos poucos fui me acostumando com a ideia de ser professora de bebês. E realmente o meu “patrimônio de experiências pessoais” ao qual se refere Tristão (2004), foi fundamental neste primeiro contato com os bebês. Busquei, também, rever alguns conceitos acerca da educação geral e assim relacioná-las com o trabalho com bebês.

A história da Educação Infantil, a princípio, surge como um lugar de cuidados, de guarda e/ou de zelo nos momentos em que a mãe precisava sair para o mercado de trabalho. Ou ainda, como um lugar onde os filhos de pais mais abastados se preparavam para o futuro. Com o passar dos anos e após muitas lutas sociais e de classe, a Educação Infantil passou a ser vista como parte da Educação Básica, e assim modifica-se o cenário de assistencialista ou preparatória e surge um lugar onde a educação e os cuidados passam ser indissociáveis. Educação e cuidados imbricados, proporcionando uma educação integral a meninos e meninas, cidadãos dignos de direitos e de serem respeitados em seu jeito de ser criança. No entanto, após duas décadas da Constituição de 1988, da LDB 9394/96, do Estatuto da criança e do adolescente (1990) e das Diretrizes Nacionais para a Educação

Infantil (2009), a educação de crianças bem pequenas, no cenário da educação infantil, pouco se modificou.

Para muitos profissionais, principalmente no que diz respeito à educação de crianças de 0 a 02 anos, ainda é vista como um trabalho não valorizado, um trabalho de guarda e cuidados. Um trabalho que não aparece dentro da instituição, visto que, os bebês não fazem nada, não falam, não se movimentam, não dizem o que querem, enfim, muitas professoras significam os bebês pelas ausências.

Apesar de muitos pais, já apresentarem certa valorização para com as creches<sup>5</sup>, e procurarem vagas para seus filhos, principalmente, em instituições públicas, visto a qualidade do trabalho, a maioria dos pais, ainda, não demonstram a mesma valorização. Como eles veem o berçário só como um lugar de guarda onde os filhos têm que ficar bem, serem bem alimentados, trocados, não podem se sujar, passando inúmeras recomendações, estes pais, aproximam as profissionais das funções familiares, chamando, inclusive, as professoras de tias. Ou ainda, quando são informados das qualificações e formações das professoras, ironizam comentando que seus filhos possuem “babás de luxo”. Na verdade, estes pais veem o espaço da creche como um “mal necessário” e não como um direito da criança, conforme afirma o Estatuto da criança e do adolescente (1990), em seu artigo 54 onde diz que: “É dever do Estado assegurar à criança e ao adolescente, o atendimento em creche e pré-escola às crianças de zero a seis anos de idade;”.

E assim com o ECA, a LDB 9394/96 em seu artigo 29, também, contribui para esta afirmação dizendo que:

A educação infantil, primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança até seis anos de idade, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade.

Mas, quem é esta cidadã de direitos?

A sociedade cria a infância, para a criança que sempre existiu. E assim surgem produtos, novos olhares e políticas públicas e sociais para a criança. A criança já não é mais vista como um ser a parte da sociedade, ela faz parte do contexto social, e deste modo, cidadã produtora de cultura e de história. Cada criança é única em suas especificidades e singularidades, sentindo e pensando o

---

<sup>5</sup> A partir da LDB 9394/96 a Educação Infantil ficou dividida em Creche, que compreende a educação de crianças de 0 a 03 anos e Pré-escola que compreende a educação de crianças de 4 a 5 anos.

mundo de uma maneira própria. Deste modo, a instituição de Educação Infantil deve promover momentos em que a criança possa brincar, expressar seus sentimentos e pensamentos, movimentando-se e desenvolvendo sua imaginação e criatividade ampliando seus conhecimentos sobre o mundo.

É esta criança que recebemos em nossos espaços de Educação infantil, uma criança que traz com ela uma história familiar, e que a partir das relações que ela estabelecer com seus pares neste novo espaço, ela estará se constituindo e modificando-se, ao mesmo tempo em que, modificará a história do outro. Possibilitar o acesso ao conhecimento historicamente construído a estes meninos e meninas que ingressam todos os anos na Educação Infantil, é o papel da professora, que nesta relação é o par mais experiente. Este conhecimento dar-se-á a partir das relações com o outro (objeto ou pessoa), e deste modo à criança será desafiada a alcançar novas habilidades.

Dado todo o conhecimento, coloquei-me a observar estes pequeninos e assim por alguns meses, eles foram meus “professores”, ensinando-me e dando pistas de quais caminhos eu deveria seguir.

A intencionalidade pedagógica da professora advém da observação e acompanhamento das aprendizagens que a criança já possui, para a partir destes conhecimentos promover e mediar novas aprendizagens e saberes capazes de ampliar o repertório das crianças, seguindo a perspectiva vigotskiana que o bom ensino se insere no desenvolvimento potencial (Vigotski, 1989). No olhar atento e de respeito às necessidades, aos desejos e as emoções da criança, constrói-se uma relação pedagógica baseada também na afetividade. Wallon (apud GALVÃO, 2003) fala que uma relação afetiva gera aprendizagens significativas e prazerosas levando a criança a um desenvolvimento integral. Nas relações pedagógicas afetivas é possível compreender e interpretar a comunicação que um bebê estabelece com seus pares, através das manifestações de suas emoções (choros, resmungos, balbucios, descontentamentos, sorrisos, birras).

E neste processo é possível afirmar que, assim como os bebês, que ao nascer necessitam das relações com seus pares para que adquiram marcas do humano, como fala Pino (2005), a profissional ao ingressar nesta profissão de ser professora de bebês, precisa conviver com os bebês para adquirir “marcas dos pequeninos” e assim conseguir compreender a linguagem tão peculiar deles. Tristão (2004) fala da necessidade do professor se alfabetizar nas diferentes linguagens e

assim compreender e significar suas emoções. Isso é possível? Com certeza, pois não há outro modo de proporcionar vivências diárias sem que a professora saiba o que os bebês necessitam e pedem em seus gestos, olhares, choros, balbucios e manhas.

As ações cotidianas num Berçário são cercadas de desejos e anseios, medos, dúvidas e inseguranças de todos os pares (bebês, famílias, professoras e outros profissionais da instituição). Neste processo as relações estabelecidas entre as professoras e bebês são cruciais, sendo fundamentais as trocas e a comunicação. Esta comunicação só é possível se nos momentos de cuidados, os laços de carinho e afeto forem se consolidando e assim a cumplicidade entre bebê/professora se estabelecendo. A sutileza nas ações do cotidiano no trabalho com bebês é responsável de ver o, quase, invisível e imperceptível aos olhos dos outros.

No Berçário, as produções dos bebês são as descobertas, as conquistas motoras, as descobertas sociais e culturais, as interações com os objetos, a descoberta do seu corpo e a descoberta do outro, o conhecimento de novos sabores, as aventuras e os caminhos para alcançar os objetos de desejo, a percepção do mundo que o cerca, os balbucios e os exercícios para a aquisição da linguagem oral. A sutileza e o olhar as minúcias envolvem o trabalho de uma professora de bebês. O desprendimento da professora em perceber o desejo e a necessidade num simples gesto ou olhar, é a sutileza. Observar um bebê parando de fazer o que estava realizando por que ouviu uma música diferente no rádio, este é o olhar as minúcias.

Nestes, quatro anos de berçário, não encontrei uma receita de como ser professora destes seres tão pequeninos. Na verdade, não há. Pois, somos e nos tornamos diferentes em cada relação e em cada interação, como já falava Guimarães Rosa “não mergulhamos no mesmo mar duas vezes”. Uma estratégia de espaços de interações pode provocar o movimento e o interesse de um bebê e não de outro, sendo que uns objetos “seduzem” e outros não. Pode-se dizer então que, minha prática pedagógica será diferente a todo o momento, de acordo com as necessidades, os desejos e interesses de cada um dos bebês. Faz-se necessário conhecer a individualidade de cada menino e menina dentro do Berçário e respeitar suas necessidades, suas emoções, seu ritmo e tempo, sua história e cultura familiar.

Ao mesmo tempo em que é fundamental considerar as singularidades dos bebês se faz necessário que o adulto, nesse caso a professora, compreenda que ela é a pessoa que significará o mundo para a criança, para só depois ela tomar para si esse significado. Nessa interação social dialética, os signos são os responsáveis pela transição das funções biológicas em funções culturais, como afirma Pino (2005). Fica claro então que, o bebê só adquirirá marcas do humano e da cultura nas relações com o outro, portanto, o outro é o mediador e o organizador para a aquisição destas marcas. Torna-se imprescindível, portanto, que a professora seja proporcionadora e organizadora de múltiplas experiências sensoriais capazes de ampliar o repertório cultural do bebê, e assim como afirmam Barbosa e Horn (2001), instiguem nos bebês a criatividade, a experimentação, a imaginação, desenvolvendo as múltiplas linguagens e descobertas significativas.

Ser professora de bebês não remete a um modelo bancário, muito pelo contrário, há um fazer pedagógico diferente a cada dia, em cada prática e ação de cuidados e do processo de ensino-aprendizagem. Pode-se assim buscar um fazer pedagógico pautado nas especificidades do cotidiano do Berçário, visto que, com estes pequeninos não há horários fixos para isso ou para aquilo, pois cada qual tem diferentes necessidades, que precisam ser respeitadas, como: sono, alimentação, trocas, e outras coisas que se aprende com a experiência e vivência com os bebês.

Os tempos, os espaços, os brinquedos e os objetos dentro do Berçário precisam ser intencionalmente e pedagogicamente pensados e organizados, de modo que, os bebês tenham a liberdade e autonomia para as escolhas, para se esconder, para procurar, para descobrir, para explorar, para manusear e manipular, para interagir e relacionar, mesmo quando a professora não esteja por perto.

### **3. OS OLHARES AS MINÚCIAS: PROCESSOS EDUCATIVOS NOS BERÇÁRIOS**

O bebê ao nascer lhe é apresentado um mundo, um lugar completamente estranho como escreve Pino (2005). Nasce um ser biológico que tem que aprender a ser humano, ou seja, mais um candidato à condição humana. E isso será possível através das relações que a partir daquele momento ele estabelecer com as pessoas a sua volta e com a cultura do lugar onde ele está inserido. O bebê que num primeiro momento se sente parte da mãe e não consegue se diferenciar nem do eu



corporal, como fala Galvão (2003), ele está imerso num mundo cultural que será significado para ele pelo adulto, que neste momento é a pessoa mais experiente na relação.

Wallon (apud GALVÃO, 2003) colabora com este estudo, a partir de seus estágios do desenvolvimento e com seus pensamentos de ver e perceber o ser humano num todo e não fragmentado. Wallon não desconsidera o biológico, tampouco o social, fala que para um desenvolvimento contínuo, mas não linear, se faz necessário que estes dois fatores sejam imbricados de maneira que um não se dê sem o outro. A existência do homem caminha entre o campo das ciências naturais e sociais, ou seja, o desenvolvimento do homem sendo “geneticamente social”. Deste modo, propõe o estudo da criança, a partir das relações estabelecidas em seu meio.

A criança interage com o meio de acordo com sua idade e a seu ritmo, modificando-o ao mesmo tempo em que se modifica. De acordo com as interações e relações apresentadas à criança, o biológico vai dando espaço para o sociocultural. O movimento e aquisição de habilidades motoras vão sofrendo influência do outro, possibilitando meios para a evolução e crescimento. No entanto, como já mencionei o desenvolvimento não é linear, ele é marcado por rupturas e conflitos. A cada estágio do desenvolvimento a criança vai reformulando suas aprendizagens e criando novas estratégias para a aquisição de habilidade e de conhecimentos.

Nos primeiros meses de vida o bebê possui duas atividades guias, conforme estudos de Vigotski (apud FACCI, 2004): a comunicação ativa com o adulto e a manipulação de objetos. Em Wallon (apud GALVÃO, 2003), pode-se dizer que a comunicação ativa acontece através das relações dialéticas afetivas e emocionais acontecidas entre o bebê e o adulto. Os primeiros choros e manhas são biológicos e só transformam-se em sociais, como sinais de comunicação, a partir da significação do adulto a estas ações. Através das emoções o bebê tem acesso à cultura, a partir das significações feitas pelo adulto, visto que esta forma de comunicação através de choros, gestos, mímicas, olhares, sorrisos e balbucios acontecerão até a aquisição da linguagem oral. É a maneira com a qual o bebê se comunicará com o outro, no entanto isto só será possível, se o outro, através de um olhar sensível interpretar e der significado a esta forma de comunicação.

A comunicação, primeiro existirá para exprimir necessidades básicas de desconfortos e desgostos, mas com o tempo esta comunicação será utilizada pelo

bebê para conseguir que deseje, como por exemplo: colo e atenção, pois nos primeiros meses a presença e o contato físico com o outro é fundamental para que ele sintasse-se seguro e protegido. O estado de imperícia que o bebê se encontra nos primeiros meses de vida, provoca no outro uma disponibilidade afetiva, que em um momento de desconforto ou de desagrado no bebê, o adulto entra em um movimento afetivo para satisfazer as suas necessidades.

Através da percepção dos limites do seu corpo, ele começa a perceber-se diferente do mundo que o cerca. Para isso ele começa a brincar<sup>6</sup> com o próprio corpo, experimentando diferentes sensações a partir de seus movimentos, como pontua Galvão (2003):

É pela interação com os objetos e com o seu próprio corpo – em atitudes como colocar o dedo nas orelhas, pegar os pés, segurar uma mão com a outra – que a criança estabelece relações entre seus movimentos e suas sensações e experimenta, sistematicamente, a diferença de sensibilidade existente entre o que pertence ao mundo exterior e o que pertence a seu próprio corpo. Por essas experiências torna-se capaz de reconhecer, no plano das sensações, os limites do seu corpo, isto é, constrói-se o recorte corporal (p.51).

O bebê começa a aprimorar seus movimentos e o deslocamento no espaço o faz seguir em direção aos objetos de desejo. Com o surgimento desta ação os choros e manhas diminuem, pois para o bebê o ato de arrastar-se lhe dá liberdade e autonomia para ir ao encontro do desconhecido ou do que se deseja. Começa a exploração e a percepção do mundo a sua volta, através do movimento.

Com o aprimoramento dos movimentos o bebê começa a perceber que os objetos também apresentam movimentos diferentes, de acordo com o manuseio e manipulação, e com isso surgem a cada interação, novas aprendizagens. Schmidt (2004) comenta mais sobre esta afirmação, dizendo que:

O movimento, definido por Wallon (1975) nas suas funções clônica (que desencadeia o deslocamento da musculatura) e tônica (que mantém os músculos na forma que o movimento lhe deu – como o braço erguido, em pé, sentado), vai se constituindo nos bebês humanos nas relações deles com o meio que os circunda e modificando suas relações. Desse modo, não se restringe a um ato mecânico de deslocamento muscular, pois é impossível dissociá-lo de sua transformação simbólica e comunicativa na relação entre seres humanos.

---

<sup>6</sup> Sabe-se que de acordo com os estudos de Vigotski e dentro da lógica do desenvolvimento, entende-se a atividade do brincar como um jogo simbólico da criança, entretanto o termo será utilizado para conceituar as ações de manuseio, manipulação e interações dos bebês com os objetos e com o outro, assim como a exploração do corpo e do mundo a sua volta.

Nas relações e experiências realizadas com seus pares e com o espaço o bebê vai ampliando seu repertório de conhecimentos e construindo seu próprio universo. Após quatro anos de trabalho com bebês, é possível afirmar as inúmeras aprendizagens existentes entre estes pequeninos, entretanto sempre é importante lembrar que neste processo se faz necessário a sutileza do adulto, neste caso a professora, para significar e apresentar o mundo para eles. Para tanto, foram necessários, muitos olhares e procura de significações e interpretações para suas emoções, além é claro, tive que me “alfabetizar” na linguagem dos bebês. Modelo e receitas, com certeza não há, mas hoje tenho a certeza que a educação coletiva de bebês, está longe de ser uma educação bancária. Como menciona Russo (apud Faria 2007), “é preciso tirar o jaleco, ser pessoa”, ou seja, ser professora sem dar aulas. Para isto, muitas tentativas, erros e acertos, até a construção de uma metodologia que contemplasse as individualidades e especificidades dos grupos de bebês que passaram pelo berçário durante este tempo. Isso porque os bebês não fazem tudo ao mesmo tempo, enquanto uns dormem, outros brincam, enquanto uns se alimentam, outros precisam ser trocados, enquanto uns sorriem, outros choram, enquanto uns se aventuram atrás de descobertas, outros precisam ser instigados e provocados a procurar e descobrir.

### **3.1. Intencionalidade pedagógica: o Berçário com a minha magia**

O exercício constante de olhar e ver, o que a maioria das pessoas não vê, não é fácil, porém é contagioso. É possível contagiar quem está ao nosso lado, é possível contagiar, inclusive, os próprios bebês. Eles também passam a interpretar as necessidades e desejos dos outros bebês, exemplo desta situação pode-se observar na imagem a seguir, onde Louise (08 meses) ao perceber o choro de sua amiga Amanda (06 meses), se aproxima e lhe oferece o bico, levando-a a tranquilidade.



**Figura <sup>7</sup>1:** Louise consola Amanda entregando-lhe o bico. Amanda há pouco tempo começou a sentar-se sem apoio e a Louise engatinha, levanta-se nos móveis ou paredes e caminha com apoio.  
 Fonte: Josiane Sant'Anna (abril de 2011)

A intencionalidade pedagógica vai além do cumprimento de currículo, vai ao encontro dos desejos e necessidades dos pequeninos, pede do professor a disponibilidade afetiva, educar com o coração, como menciona Puebla (1997). Além deste envolvimento, deste investimento afetivo, entendemos também que, a constituição do ser professora não é um processo isolado, antes é resultado de muitas trocas, de constante interação com outras pessoas, outros grupos.

Neste sentido, minha constituição como professora resultou de encontros com minhas companheiras de sala e outras professoras que passaram pela minha vida pessoal e profissional, com as famílias, e principalmente com os bebês, seria impossível ser professora de bebês sem a contribuição destes seres tão pequeninos. A observação e reflexão constante sobre o que eu precisaria proporcionar para os meninos e meninas do Berçário, fez-me buscar a rotina dos cuidados no Berçário, e juntamente com as outras profissionais de sala, construir um cotidiano para os bebês envolvendo cuidados pedagógicos e muitas experiências estéticas. A busca em sistematizar as ações decorre não da necessidade de criar sequências rígidas de ações, pelo contrário, entende-se que ao organizar e planejar as ações pode-se refletir e oportunizar mais interações aos bebês.

Importante destacar que, mesmo observando que o objetivo não era padronizar as ações, nem tão pouco ignorar as manifestações singulares dos bebês, antes era a partir de toda a diversidade de ações, horários e necessidades

---

<sup>7</sup> Todos os bebês que aparecem neste trabalho têm autorizações de imagens assinadas pelos pais.

existentes no Berçário, definir diretrizes para os trabalhos. Seguindo esta perspectiva entende-se que a existência de planejamentos e de uma rotina pré-estabelecida, se faz necessário para a organização diária e da vida coletiva, visto que, assim como fala Barbosa (2006, p.201): “a rotina é compreendida como uma categoria pedagógica da Educação Infantil”. No entanto, mesmo definindo uma sequência e qual ação tem-se a fazer, a rotina não segue da mesma maneira todos os dias, nem tem por onde, pois como já foi falado, com bebês e acredito que até com crianças maiores, não há possibilidades de realizar o fazer pedagógico da mesma maneira, todos os dias. Faz-se necessário a (re) invenção do cotidiano, isto é, a:

(Re) invenção do cotidiano na escola infantil depende das possibilidades de os adultos responsabilizarem-se pelo próprio tempo, romperem com o tédio da repetição, diminuïrem com o estresse de fazer tudo igual, criando um tempo diverso e diversificado, um tempo que dê espaço as crianças e aos próprios educadores, dando ouvidos a tudo o que eles têm de inovador, de criativo, permitindo usar o tempo com clareza possível a respeito dos fatores que nos fazem realizar as coisas de um modo ou de outro (BARBOSA, 2006, p.204).

Deste modo, o planejamento se organiza a partir de critérios específicos ao grupo de bebês e pela compreensão de que é por meio das e nas experiências que eles aprendem, logo cabe à professora possibilitá-los diversificadas experiências para que se apropriem de objetos e elementos culturais e naturais.

As relações entre adultos e bebês são fundamentais, entendo que quanto maior o vínculo, confiança, segurança e cumplicidade entre bebês e professoras, mais os bebês se envolverão e se entregarão as atividades e vivências planejadas e propostas pela equipe docente. E, é neste processo que as primeiras aprendizagens vão se manifestando. Do simples ato de alimentar<sup>8</sup>, passando pela experimentação de novos sabores (doce, amargo, cítrico etc...), aromas, sensações (frio, quente, gelado, pastoso, sólido etc.), até dominar um utensílio e conseguir alimentar-se sozinho com um talher.

---

<sup>8</sup> A alimentação das crianças, em especial no Berçário, é uma das grandes angústias e ansiedades dos pais, pois logo que chegam ao CEI perguntam-nos se seus filhos se alimentaram. Desta forma entendemos que os aspectos relacionados à alimentação não dizem respeito apenas à questão de nutrição e saúde, mas também é um dos modos de saber que os bebês estão sendo bem cuidados. Assim, compreende-se que esta atividade em uma turma de berçário precisa ser cuidadosamente planejada e executada.

Deste modo, as atividades são planejadas, sempre com o objetivo de ampliar o universo cultural dos bebês. A partir dos diferentes espaços de e para interações criados em sala e fora dela, os objetos começam a chamar a atenção dos pequeninos, que vão ao seu encontro esticando-se, arrastando-se, engatinhando ou caminhando com apoio.

Quando os bebês não alcançam o que desejam, surge o gesto de apontar que, após a significação do adulto que os rodeiam, é mais uma ferramenta utilizada para conseguir o que desejam. Até as cadeiras utilizadas nos momentos de refeições, viram objetos educativos e ferramentas para auxiliar os meninos e meninas em seus primeiros passos pela sala. Foi o que aconteceu com o Pedro, que após ser alimentado por uma das professoras da sala e ser colocado sentado no chão, engatinhou ao encontro da cadeira, levantou-se e colocou seu “cheiro”<sup>9</sup> sobre ela. Apoiado a este objeto, ele caminhou pela sala até que alcançou o colchão para dormir.



**Figura 2: Pedro (12 meses) dá seus primeiros passos com o auxílio da cadeira.**  
Fonte: Josiane Sant'Anna (fevereiro de 2011).

Um mesmo arranjo pode provocar os bebês para que alcancem objetos deitados, exercitando o tônus muscular dos braços, ou sentados exercitando o tônus muscular dos braços e tronco. Estes espaços promovem, ainda, a percepção visomotora, além é claro, de proporcionar alegria aos bebês, dado as novas conquistas.

Em um circuito organizado na sala onde foi possível contemplar as necessidades individuais dos bebês, dois berços ajudaram a dar forma a uma teia de aranha (com elástico) em um canto da sala e outros dois berços serviram de suporte para os móveis de brinquedos, formando dois espaços no ambiente. Os

---

<sup>9</sup> As mães dos bebês costumam chamar de cheiro, as fraldas ou pequenos pertences que os bebês utilizam para se acalmar ou nos momentos de sono.

bebês que ainda não engatinhavam ou caminhavam puderam brincar nos berços com móveis, e assim, alcançar, bater, puxar, e levar os brinquedos pendurados à boca, utilizando as mãos e os pés. Alguns dos bebês além de brincar com os brinquedos puderam observar seus movimentos refletidos no espelho, já que os berços foram colocados em frente a este objeto.



**Figura 3: Amanda (07 meses) e Kalil (06 meses) interagindo com os móveis montados no circuito de movimento organizado na sala. Kalil e Amanda sentam-se sem apoio, porém por pouco tempo.**  
 Fonte: Josiane Sant'Anna (março de 2011).

O interesse pelos objetos, aos poucos, vai surgindo no berçário, onde as novidades e surpresas começam a chamar a atenção dos pequeninos. Assim, quando é apresentado algo diferente, os bebês que já se locomovem, logo, se aproximam do desconhecido. E para os que, não se locomovem as novidades e surpresas são apresentadas bem de perto, para que eles não percam nada. As interações com elementos naturais e experiências estéticas envolvendo tintas naturais, massinhas de modelar caseira<sup>10</sup>, água e gelecas<sup>11</sup> foram também, atividades significativas e prazerosas desenvolvidas junto aos bebês.

O desejo e vontade em manusear objetos e elementos que, muitas vezes, em casa os bebês não podem manusear, geram euforia e muita alegria na turma. No entanto, para outros bebês, estas experiências despertam a sensação aparentemente de repugnância, preferindo se afastar e interagir com outro espaço e como outros objetos. Isso foi observado em uma das vivências realizadas durante o ano, onde foi possibilitada ao grupo a experiência com massinha de modelar caseira, utilizando: água, trigo e polpa de beterraba. A polpa de beterraba foi

<sup>10</sup> A massinha de modelar caseira é preparada no momento da utilização utilizando farinha de trigo, água e anilina comestível ou polpa de legumes, frutas, condimentos ou chás.

<sup>11</sup> Uma espécie de mingau preparado com amido de milho e anilina comestível ou polpa de frutas ou legumes.

colocada em uma bacia e após foi levada para o centro da sala, onde os bebês já tinham sido organizados em roda e esperavam pela novidade. Quando a bacia foi ao chão, a Louise já colocou as mãos e quando percebeu que a polpa pintou-as, tentou retirar a polpa das mãos esfregando-as no piso da sala. A consistência e a cor do trigo também despertaram o interesse dos pequeninos, que foram de encontro à bacia, alcançando e manuseando a nova textura. Estavam em volta da bacia: o Kalil, a Isadora, a Louise, e o Pedro e mais tarde a Ananda. O Pedro experimentou um pouco e assim que a massinha estava pronta ele tocou-a e a manuseou, conhecendo a nova textura, mas logo perdeu o interesse. O Kalil, a Isadora e a Louise saíram da experiência, direto para a banheira, pois a massinha fora experimentada, de fato, pelos diferentes sentidos. No início, a cor da polpa de beterraba fora atraente aos olhos, chamando-os para a interação, das mãos a massinha fora sem escalas para a boca (coordenando deste modo os movimentos dos braços, mãos, dedos, boca e língua) e assim puderam: experimentar, tocar, observar, perceber e interagir, conhecendo este objeto que será alvo de muitas pesquisas, conhecimentos e aprendizagens ao longo do ano.



**Figura 4: Professora e bebês preparando massinha de modelar caseira. Nesta atividade o Diego, o Pedro e a Louise foram de encontro à massinha de modelar engatinhando e o Kalil e a Isadora foram levados pelas professoras auxiliares.**

**Fonte: Josiane Sant'Anna (março de 2011).**

As múltiplas experiências oportunizadas aos bebês possibilitam o desenvolvimento integral através dos sentidos. O contato com a massinha de modelar caseira, por exemplo, leva ao conhecimento de diferentes texturas, ingredientes, exercita o tônus muscular dos dedos, mãos, pés, abdômen e tronco (para os bebês que iniciam o processo de equilíbrio do tronco para sentar-se), e como é forte o desejo de tudo que pegam nas mãos levar a boca, os bebês experimentam os sabores, os aromas e as consistências.



A criação de um espaço com as escadas de estimulação na sala possibilitou diferentes interações. No período matutino a escada maior estava próxima à janela que fica para o parque, deste modo, o Pedro, o Diego, a Louise, a Ananda e a Ana Júlia subiam para observar o parque e as crianças que brincavam neste espaço. Em meio às brincadeiras, uma surpresa, a Isadora conseguiu subir as escadas e alcançou o topo do brinquedo. A turma fez uma festa, pela conquista da menina. No período vespertino, foi montado outro espaço com as escadas, em outro canto da sala, formando um L com elas. Os bebês ganharam a companhia da Ana Beatriz, que pela primeira vez e sem resistência ou medo, escalava e descia as escadas sem dificuldades. Acredito que a observação, o desejo de alcançar algo e a confiança nos adultos em volta, possibilitaram tamanhas conquistas.

Deste modo, os mais pequeninos da sala, aos poucos, nas observações dos movimentos dos bebês maiores, vão adquirindo confiança e através de movimentos miméticos ensaiam seus próprios movimentos (arrastar-se, engatinhar, andar, subir, descer). Suas primeiras conquistas são observadas e significadas pelos adultos que, assistem estas aquisições que vão, a seus ritmos, se aprimorando, através dos elogios e comemorações que quem os rodeia.



**Figura 5: As interações e as superações de obstáculos nos diferentes espaços na sala. Ana Beatriz e Isadora neste momento engatinham e caminham com apoio, porém superam obstáculos e aprimoram seus de movimentos.**  
 Fonte: Josiane Sant'Anna (maio de 2011).

Em outro projeto<sup>12</sup> realizado com a turma foi colocado no ambiente alguns móveis ecológicos<sup>13</sup> que provocaram o movimento em muitos bebês, levando a Isadora a ficar de pé (pela primeira vez sem apoio), só para alcançar o móvel

<sup>12</sup> Projeto: Primeiros passos: Pequenos cidadãos em busca de grandes transformações, elaborado para participar do concurso cultural da Companhia Águas de Joinville, no qual recebeu-se o prêmio de 1º colocado na categoria CEI.

<sup>13</sup> Móveis confeccionados com as tampas das latas de leite em pó ou fórmulas infantis, elásticos e com gravuras e imagens de pessoas, animais e elementos da natureza.

(objeto de desejo) que estava instalado no centro da sala. Os móveis foram colocados na altura dos bebês de modo que, os que se sentavam ou engatinhavam alcançassem os mais baixos e os bebês que já caminhavam alcançassem os mais altos. Alcançar o móvel mais alto foi um grande desafio para a pequenina Isadora.



**Figura 6: Isadora (12 meses) equilibrando-se para alcançar os móveis ecológicos, neste momento ela engatinha, fica de pé e caminha com apoio, mas está foi a primeira vez que ficou de pé sem apoio.**  
**Fonte: Josiane Sant'Anna (agosto de 2011).**

Um espaço de interação e que oportunize aprendizagens, pode ser encontrado ou construído em pequenos espaços. Para a pequena Djeniffer (06 meses) que estava em período de adaptação, este espaço de aprendizagem foi um baú,<sup>14</sup> do Projeto Biblioteca Aberta. Com o baú na sala, os bebês puderam ir ao encontro dos livros podendo interagir e manuseá-los a seu modo. Djeniffer foi levada até o baú e no conforto de um colo, pois precisava de apoio para se sentar, observou com atenção as imagens e até arriscou-se em folhear um livro. O acesso a diferentes livros possibilita a aquisição e ampliação do repertório cultural. A ampliação do repertório cultural é possível a todo o instante e em todas as interações realizadas pelos bebês, pois ao mesmo tempo em que interagem e aprendem com novos materiais, objetos e espaços, eles os modificam transformando-os aos olhos dos outros. A interação com diversificados materiais, não só amplia o conhecimento dos bebês, assim como, coloca-os em contato com materiais e elementos culturais produzidos ao longo da história.

<sup>14</sup> Baú mágico do projeto institucional: Biblioteca aberta. Este baú visita as sala levando diferentes livros para que as crianças manuseiem, ouçam, vejam e contem histórias, além de adquirir desde cedo o hábito de ler e ouvir histórias.



Figura 7: Djeniffer (06 meses) em seu encontro com a arte da literatura, em período de adaptação, esta interação a tranquilizou e a encantou.  
Fonte: Josiane Sant'Anna (outubro de 2011).

No entanto, o contato com os diferentes materiais, não são ensinados para os bebês como se fosse uma “aula”, eles são simplesmente apresentados, para que eles possam manuseá-los e interagir. Assim a Chita<sup>15</sup> pode servir de moldura para um tapete de texturas, onde além dos bebês sentirem as diferentes texturas e sensações, possibilitada pelo objeto, eles podem também, apreciar as cores e conhecer um material produzido e que faz parte da cultura do povo brasileiro.

Elementos ou materiais, tão naturais aos olhos do adulto, podem ser objetos de investigação para os pequeninos, onde um passeio ao jardim do CEI vira um momento para agregar muitos conhecimentos. Ana Beatriz, enquanto os outros bebês brincavam com bolas no gramado, caminhou até o canteiro com pedras brancas e em silêncio começou a observá-las, manuseando-as e depois as batendo uma contra a outra retirando de simples pedras, sons, produzidos a partir de seus movimentos. Esta ação mostra o espaço como promotor de descobertas e o olhar do adulto contemplando aprendizagens nas minúcias.

---

<sup>15</sup> Tecido ordinário, de algodão, estampado em cores, tipicamente brasileiro.



**Figura 8: Ana Beatriz (12 meses) já com liberdade para ir e vir faz algumas descobertas dos materiais sintéticos (com a mediação da professora) e dos elementos naturais.  
Fonte: Josiane Sant'Anna (outubro de 2011).**

Os sons, as músicas e os ritmos exercem verdadeiro fascínio nos pequeninos. Simples peças de encaixe viram objetos para produzir sons, onde muitas vezes, o que para o bebê é um som belo seduzindo-o e gerando alegria, para o adulto chega a ser um som ruim e estridente. Mas, para estes meninos e meninas do berçário isto não importa, pois o que vale, é que as descobertas de materiais ou objetos que produzem sons, são novas conquistas. Materiais como sucata, depois de um olhar pedagógico, também podem virar instrumentos musicais e proporcionar vivências divertidas e ricas de aprendizagens. Foi o que aconteceu com os tambores confeccionados com latas de farináceos, barbante e retalhos de corino e algumas baquetas. Ao observarem os tambores na sala, os bebês logo foram de encontro aos brinquedos. Os bebês maiores não tiveram dificuldades em associar as baquetas aos tambores, e tão logo, se utilizaram das ferramentas para retirar sons dos tambores. Com os bebês menores foram mediadas as relações, onde através de movimentos e batidas das baquetas, hora na parte superior do tambor, hora na parte inferior, eram produzidos diferentes sons, provocando-os ao movimento e gerando alegria. Após serem provocados os bebês realizaram a ação, sozinhos, e ao final da vivência utilizando os tambores foi dado pulso e ritmo a algumas músicas folclóricas infantis.



**Figura 9: Pedro (18 meses) e Isadora (12 meses) descobrindo os sons produzidos pelos tambores confeccionados com latas.**

**Fonte: Josiane Sant'Anna (agosto de 2011).**

A intencionalidade pedagógica leva o bebê a ver e ouvir. Chamar a atenção dos bebês para os sons dos pássaros, dos aviões e helicópteros, dos automóveis e motocicletas, das outras turmas quando estão cantando, o liquidificador do lactário, da batida na porta anunciando quem chega a nossa sala, os choros dos bebês que acabaram de acordar e outros sons, possibilita e desperta a percepção auditiva. Levar os bebês a perceber o mundo a sua volta, através dos sentidos, está além dos planejamentos ou currículos, está no modo em que o professor vê, concebe e respeita o outro.

Diariamente, foi oportunizada na sala a apreciação de diferentes gêneros musicais e cantores, onde os bebês puderam ouvir e acompanhá-los com gestos, palmas, danças (como fizeram a Louise, o Pedro e a Ana Júlia da figura 17), cantarolar através de balbucios e resmungos e até arriscar algumas palavras. Os sons e músicas provocaram alegria em toda a turma, despertaram emoções levando a momentos afetivos e diria até mágicos. As músicas folclóricas infantis tiveram presença forte no cotidiano dos bebês, dado ao convívio familiar ou ao repertório das professoras, deste modo, foram estas as músicas mais cantadas pelas docentes e acompanhadas com gestos pelos bebês. Sendo assim, foi possível ver os meninos e meninas, mais velhos da turma, dirigem-se as professoras para solicitar uma canção através de gestos.



Figura 10: O encontro de Ana Júlia (19 meses), de Pedro (19 meses) e de Louise (14 meses) com a música e a dança.  
Fonte: Josiane Sant'Anna (setembro de 2011).

Outro som familiar à turma foram os latidos dos cachorros da vizinhança do CEI, tanto que, seguido das palavras de mama e papa, “au-au” foi um dos primeiros sons emitidos pelos bebês. Na verdade, para os bebês, em um momento de suas vidas, todo animal é “au-au”. Sendo assim, apresentar diferentes animais, através de imagens reais, agrega novos conhecimentos e saberes para os pequeninos. No entanto, possibilitar a ampliação destes saberes e conhecimentos apresentando-lhes animais produzidos por artistas, agregará ainda mais repertório para suas vidas. Tristão (2004) contribui com este pensamento:

Este pode ser caracterizado como uma presença atenta e disponível a compartilhar os conhecimentos produzidos e acumulados pela humanidade ao longo da sua história. Para tanto, é essencial o planejamento de situações ou do uso de materiais diversificados no cotidiano de trabalho com os pequenos, proporcionando o contato com diferentes possibilidades de aprendizagens, quais sejam, relacionais, afetivas, cognitivas, expressivas, artísticas... O que caracteriza o papel docente na prática com crianças pequenas é a intencionalidade dessas ações.

Uma professora de bebês, sempre está em constante movimento, e enquanto uns bebês descansavam foi possível preparar alguns materiais com as obras do artista brasileiro Romero Britto e com as imagens reais de animais. Foram utilizadas imagens reais, visto que ao meu entender, elas fazem maior sentido para os bebês, já que neste momento de suas vidas, todo animal é representado verbalmente como “au-au”. Sendo assim, não seria viável apresentar os animais desenhados ou estereotipados, já que, na arte de Britto os animais aparecem com traços do cubismo, onde ele (o artista) trabalha e brinca com as cores e com as formas. As obras de Romero Britto foram coladas nas paredes da sala e as imagens reais de animais foram colocadas em forma de móveis no centro da sala. E quando os bebês acordaram surpresa! A Louise, o Kaio e a Amanda ficaram fascinados com

as obras de Romero Britto. Quando questionados, cadê o gato? A Louise mostrou o gato da imagem da obra “The Cat” de Britto e o Pedro mostrou o gato real, mas aconteceu o contrário quando foram mostrar a borboleta. O Kaio demonstrou tanta alegria ao ver o colorido das obras de Romero Britto que até deu beijos no sapo. O Pedro apontava as obras com o dedo e pronunciava algumas palavras: “au-au” (cachorro), “piu-piu” (águia) e “papo” (sapo).



Figura 11: Louise (15 meses) e Pedro (20 meses) e suas interações com imagens de animais.  
Fonte: Josiane Sant’Anna (outubro de 2011).

A observação das imagens, nos diferentes momentos do dia, também chamava-nos para a observação de tamanha beleza, seres tão pequenos contemplando obras de arte. A educação do e pelo sensível é diferente para as diferentes pessoas que as observam, cada qual conduz o olhar para o que realmente o comove e o toca. É mais ou menos isso que acontece neste mundo tão particular e infinito dos bebês.

#### 4. ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Durante estes 04 anos, como professora de bebês, foi possível observar, perceber e me certificar sobre suas aprendizagens em um contexto coletivo. No entanto, somente neste ano pude efetivar finalmente o processo da minha aprendizagem, através deste estudo, que por hora, finalizo. Através da pesquisa encontrei alguns artigos e textos literários sobre o desenvolvimento de bebês e suas relações no contexto da educação infantil, contudo, penso que muito há ainda a estudar, pesquisar e aprofundar sobre as relações destes pequeninos em um espaço de educação coletiva.

O objetivo central deste estudo foi apresentar as aprendizagens acontecidas no e entre os bebês em um Berçário, através de observações, de intervenções e análises pedagógicas dentro deste contexto de educação coletiva. Para isso foi necessário, um estudo sobre as concepções acerca da Educação Infantil e do desenvolvimento infantil, mas necessariamente da idade que envolve o trabalho com crianças entre 0 e 02 anos. Os estudos caminharam sob a perspectiva da psicologia sócio histórica de Vigotski e Wallon, apresentados nos trabalhos de Barbosa, Facci, Galvão, Pino, Schimitz e Tristão. Foi necessária, também, uma releitura das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil, do Estatuto da Criança e do Adolescente e da LDB 9394/96.

A partir da pesquisa bibliográfica foi possível caminhar para a análise da prática em sala, e assim, procurar as respostas para os questionamentos do início do trabalho, e enfim, afirmar que o Berçário é com certeza um espaço de múltiplas aprendizagens. No entanto, para que as aprendizagens aconteçam e seja percebida, a professora de bebês precisa estar em sintonia com o fazer dos pequeninos. Cada movimento, cada gesto, cada olhar, cada expressão e cada emoção é uma maneira que o bebê tem para se comunicar com o outro, deste modo, a comunicação ativa com o adulto só se dá com a reciprocidade e com a cumplicidade dos pares, sendo que, neste período da vida dos bebês os pares mais experientes são fundamentais para significar o mundo para eles.

Além de significar o mundo para estes meninos e meninas, é essencial, também, que a professora de bebês tenha um rico repertório cultural, pois será ela uma das primeiras pessoas responsáveis pelo nascimento cultural da criança. Possibilitar múltiplas experiências sensoriais, interações e relações sociais, dentro deste espaço de educação coletiva que é o Berçário, é fundamental para que os bebês se apropriem da cultura, dos elementos e objetos para a construção de seu mundo, sendo que, nos constituímos no encontro com o outro.

Sentar, se virar, relacionar-se com o outro, mastigar, conhecer novos gostos e sabores, sentir, expressar-se, comunicar-se, engatinhar, falar, dançar, bater palmas, cantar, caminhar, gostar de livros e histórias, caminhar, manusear objetos e brinquedos, alcançar o que desejam, apropriar-se de da cultura historicamente construída, construir seu mundo e perceber o mundo a sua volta, é o que os bebês agregam a sua história de aprendizagens e desenvolvimento dentro de um berçário. E ainda há quem diga que não há aprendizagens no berçário.



Acredito que o meu trabalho tornou-me mais sutil nas relações com os bebês e nos olhares de respeito, de aprovações ou de contemplação frente ao crescimento dos pequeninos. A disponibilidade afetiva, imprescindível na relação professora/bebê, fez com que eu apreciasse aprendizagens nas minúcias, nas pequenas ações, nos gestos e nos toques. Hoje, posso afirmar que me constitui professora de bebês, nas relações que estabeleci com estes pequenos meninos e meninas, portanto, utilizo as palavras de Russo (apud Faria 2007) para finalizar esta discussão:

Não me sinto diminuído como professor, não me sinto infantilizado como pessoa, quando passo o máximo do meu tempo de trabalho brincando, já que tenho a sorte de que o meu trabalho seja com crianças. (p. 84).

## REFERÊNCIAS

BARBOSA, Maia Carmem S. **Por amor e por força: as rotinas na Educação Infantil**. Tese (doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação. Campinas: 2000.

BARBOSA, M. C. S.; HORN, M. G. S. **Organização do espaço e do tempo na escola infantil**. In: CRAIDY, C.; KAERCHER, G. E. (Orgs.). Educação Infantil: pra que te quero? Porto Alegre: Artmed, 2001.

BRASIL. Lei nº. 8.069/90 de 13 de julho de 1990. Estatuto da criança e do adolescente. Brasília, DF, 1990b.

BRASIL. Lei nº. 9.394 de 20 de dezembro de 1996. Lei de Diretrizes e Bases da Educação. Brasília, DF, 1996b.

BRASIL. Ministério da Educação e da Cultura, Conselho Nacional de Educação, Câmara de Educação Básica. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. Parecer CNE/CEB Nº. 20/2009, publicado no D.O.U. de 9/12/2009.

FACCI, Marilda Gonçalves Dias. A periodização do desenvolvimento psicológico individual na perspectiva de Leontiev, Elkonin e Vigotski. In: **Cadernos Cedes**, Campinas, vol.24, n.63, p. 64-81, abril de 2004.

GALVÃO, Isabel. **Henri Wallon: uma concepção dialética do desenvolvimento infantil**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

PINO, Angel. **As marcas do humano**: as origens da constituição cultural da criança na perspectiva de Lev S. Vigotski. São Paulo: Cortez, 2005.

PUEBLA, Eugênia. **Educar com o coração**. São Paulo: Peirópolis, 1997.

RUSSO, Danillo. **De como ser professor sem dar aulas na escola da infância**. In: O coletivo infantil em creches e pré-escolas: falares e saberes. São Paulo: Cortez, 2007.

SCHMITT, Rosinete Valdeci. **MAS EU NÃO FALO A LÍNGUA DELES**: As relações sociais de bebês num contexto de Educação Infantil. Florianópolis, 2008. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Santa Catarina.

TRISTÃO, Fernanda C.D. **Ser professora de bebês**: um estudo de caso em uma creche conveniada. Florianópolis, 2004. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Santa Catarina.

VYGOTSKY L.S.. **A Formação Social da Mente**. 3<sup>a</sup> ed. São Paulo: Martins Fontes, 1989.